

Última década pró ambientalista: os discursos na pesquisa em Educação Ambiental para a sustentabilidade na formação docente

Rejane Leal Candido¹

Laís de Souza Rédua²

Danilo Seithi Kato³

Resumo: O RIO-92 e a agenda 21 na promoção à sustentabilidade marcam inclinações pró-ambientalistas as quais respondem discursivamente sobre o ambiente pelo viés do desenvolvimento ambiental. Da compreensão da produção discursiva de uma pesquisadora que propõe estudar a sustentabilidade na formação, procuramos aqui responder: “como esse processo aparece na materialidade discursiva da pesquisa em formação de professores e como tem sido construído o posicionamento dentro da pesquisa?” Objetivamos analisar como ocorre o posicionamento na produção de uma pesquisa frente à defesa da importância da formação docente em Educação Ambiental na construção da consciência para sustentabilidade, sendo que o trabalho produzido pode ser considerado um campo discursivo. A metodologia foi um estudo bibliográfico de teses e dissertações, analisados à luz de Bakhtin. Os resultados apresentam que discursos na formação docente se baseiam em um parâmetro hegemônico de conceber as condições de ser-estar no mundo, refletindo nas memórias e relações com o ambiente.

Palavras-chave: formação de professores, socioambiental, memória biocultural.

1 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM rejane.candido@uftm.edu.br

2 Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP, Professora da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) lais.redua@hotmail.com

3 Doutor pelo programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) katosdan@yahoo.com.br

Introdução

A Rio-92 demarca o compromisso de vários países em prol do meio ambiente e combate a degradação dos recursos naturais. Nesse evento, 179 países assinaram o documento conhecido como Agenda 21. No Brasil, a sua implementação em 2003 se torna plano anual do Ministério do Meio Ambiente, ganhando força política nacional e institucional e, por este meio foram estabelecidos os desafios para promoção da sustentabilidade. Uma das premissas desse documento, para compreender a complexa relação entre o ser humano-natureza e colocar em prática as suas metas, é que pela educação e formação de professores ocorram reflexões acerca da sustentabilidade, de fato, atravessando e tensionando as relações da sociedade como um todo. Frente à complexidade que permeia o campo da Educação Ambiental (EA) e a construção de um pensamento crítico, se torna imprescindível uma percepção do que nos rodeia. Principalmente para que haja posicionamentos frente aos novos planos do governo em prol de um desenvolvimento sustentável, como são apontados, por exemplo, pela nova agenda Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS 17)⁴ e seus desdobramentos.

A natureza extrapola os limites da materialidade externalizada, sendo compreendida aqui pela sua construção como linguagem. A relação e constituição do sujeito pelo e no ambiente produz formas de ser e estar no mundo, isto é, sentidos que emanam de forma constitutiva nos discursos. Assim, considerar a língua como veículo no qual os sentidos produzidos através da natureza se fazem, bem como todas as interações que ocorrem nela, é conceber a natureza para além de um saber. Uma linguagem interpelada por signos que se banham em um sistema construído pelas relações sociais e de poder o qual distribui ideologias aos contextos e culturas (VOLOCHINOV, 2017). Essa relação pela linguagem é externalizada na constituição do sujeito com a territorialidade, a qual decorre de uma memória biocultural. “Torna-se fundamental identificar e reconhecer essa memória biocultural da espécie humana, uma vez que permite adquirir uma perspectiva histórica mais abrangente (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p.25).” Sendo assim, conceber o ambiente como linguagem é reconhecer também a relação biocultural pela construção e trajetória de vida a partir do território, sendo este um elemento fundamental para subsistência dos seres.

4 O documento pode ser acessado no link: <https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-brasileira>. Acesso em 14 de Março de 2020

O processo educativo é essencial como eixo estruturante nesta proposta, não somente por ser a orientação documentada para o exercer do foco da sustentabilidade pela agenda ODS - 17. Mas, por ser entendido aqui como espaço formativo de sujeitos que pensam suas relações de ser-estar no mundo pela alteridade promovidas em fronteiras de comunicação com o outro, seja ele o conteúdo científico predominante nas escolas ou os diferentes sujeitos que transitam e interagem nesse mesmo espaço geográfico e discursivo.

Dentro da formação de professores repercute um movimento discursivo utilizando os critérios objetivos da explicação dos fenômenos físicos e naturais sem diálogo com formas de relações territoriais anteriores, sem acessar a memória biocultural sendo este o exercício do memoricídio biocultural (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Por um lado as temáticas ambientais sempre são incluídas na pauta das ações educacionais, educação básica e formação de professores, por outra visão, esses aspectos precisam ser refletidos quanto ao seu intuito na resignificação do campo educacional ou na utilização desses espaços para ampliar espectros pró-desenvolvimento nesta arena discursiva.

Considerando esse diserto até o ano 2016 o discurso governamental, dada as devidas proporções atuais previam uma conjuntura política que promovia uma agenda da EA para a sustentabilidade com mobilizações iniciais do discurso ambientalista entrando na pauta governamental para negociações. No entanto, neste mesmo período ocorre uma mudança impulsionada pela subversão na valoração do discurso ambiental dentro da própria política de Estado, criminalizando o discurso dos movimentos ambientalistas.

Dessa maneira, pensar este período para se compreender como ecoam as vozes dentro de um processo formativo docente é pensar este local como espaço onde se produz e divulga conhecimentos.

Assim como, olhar para as pesquisas nos permite entender essa produção como um lócus que pode reverberar em políticas públicas para possibilitar o pensar do discurso ambiental. Procuramos então, a partir da compreensão da produção do discurso de uma pesquisadora que se propõe a estudar a sustentabilidade na formação, responder a seguinte questão: "como esse processo aparece na materialidade discursiva da pesquisa em formação de professores e como tem sido construído o posicionamento dentro da pesquisa?" Para tal, então objetivamos analisar como ocorre o posicionamento presente na produção de uma pesquisa frente à defesa da importância da formação docente em EA para a construção de uma

consciência para sustentabilidade, uma vez que o trabalho produzido pode ser considerado um campo discursivo.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativa porque tem em sua construção a preocupação em analisar como os professores em formação constroem seus posicionamentos ao longo de sua carreira acadêmica, que podem ser expressas através da escrita. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 47), uma das características da pesquisa qualitativa é que “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” O procedimento adotado para a construção dos dados, aqui considerados, é de caráter bibliográfico (GIL, 2008), já que a fonte se trata do Projeto EArte, o qual conta com um estado da arte das pesquisas *stricto sensu* de Educação Ambiental no Brasil localizadas em um banco de Teses e Dissertações constituído por um acervo com mais de 4400 trabalhos da produção acadêmica e científica, realizadas entre 1981 e 2016, sobre Educação Ambiental no Brasil.

A seleção do trabalho para o desenvolvimento desta pesquisa foi baseado nos critérios de seleção dos autores Romanowski e Ens (2006): a) definir os descritores para as buscas; b) localizar a fonte de busca, neste caso o Projeto EArte; c) criar critérios de seleção do material, um dos aqui criados, foram os trabalhos que compreendessem os anos de 2006 e 2016; d) realizar uma leitura primeira para selecionar os trabalhos que atenderem os critérios, apresentar em seu título o termo “Sustentabilidade” e “Formação de Professores” no resumo do trabalho; e) sistematização da pesquisa, bem como a análise de trechos, à luz de Bakhtin e conclusões preliminares. O corpus documental, elencado do banco de teses e dissertações, foi selecionado primeiramente com o termo “sustentabilidade”, no campo “título” compreendidos entre 2006 e 2016. Foram encontrados, entre teses e dissertações, 137 trabalhos. Termo este cada vez mais presente no discurso dos grupos sociais onde o capitalismo ainda é predominante. Aparecendo também em muitas propostas ambientais, que partem do pressuposto econômico para adequar a utilização dos recursos naturais “maquiando” a extrapolação da natureza e nos discursos de futuros profissionais ambientais.

Em um segundo momento, a partir dos 137 trabalhos selecionados, foram elencados aqueles que apresentavam o termo “formação de professores” no campo “qualquer campo”. Esse segundo termo de busca se justifica

devido à proposta da Agenda 21 se inclui a capacitação docente para uma Educação Ambiental em prol da Sustentabilidade.

Compreender esses espaços formativos e visões dos futuros docentes diz muito a respeito sobre qual sociedade está sendo construída, assim como o termo “formação docente”. Por isso, este foi selecionado para abranger os possíveis descritores para a formação de educadores. O terceiro momento foi localizar os trabalhos que contemplassem o termo “formação docente”. Desse modo, no campo “qualquer campo”, ainda dentro dos 137 trabalhos, foram encontrados 03 trabalhos, sendo que um desses aparece em duplicidade ao utilizar os dois termos de busca “formação de professores” e “formação docente”, código 10588.

Optamos pela escolha do trabalho com código 10588, pois contemplava o período estipulado de 10 anos, mais precisamente 2016, ano marcado pelo fim de um governo que apoiava as carreiras docentes, bem como movimentos ambientalistas, período com uma importância também significativa, pois podemos perceber como as pesquisas se delineiam. Este trabalho contempla os dois campos de busca de descritores no banco de teses e dissertações. Já que muitos trabalhos consideram como sinônimos os termos “formação de professores” e “formação docente”, ele está presente dentro destes dois critérios de busca, representando o campo de formação dentro de uma perspectiva ambiental. O trabalho selecionado se trata de uma tese de doutorado, produzida no ano de 2016 para o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Luterana do Brasil. A pesquisa tem como objetivo analisar a Formação Docente, em Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, quanto aos pressupostos da Educação Ambiental para a Sustentabilidade, no contexto da educação formal em um Instituto Federal de Educação.

E para o desenvolvimento e análise dos trechos selecionados, nos apoiamos aqui na teoria do discurso de Mikhail Bakhtin. Propomos uma aproximação das ideias do autor com pressupostos ambientais expressados em alguns dos discursos e posicionamentos presentes na tese selecionada. Na busca para compreender como se constrói os discursos no âmbito educacional, principalmente das pesquisas em EA, é relevante orbitar entre a materialidade linguística verbal e extraverbal de tais discursos para compreender de onde ecoam no processo de internalização dos conceitos. Pois é a base para construir caminhos que contribuam para amenizar os impactos socioambientais causados pela degradação ambiental. Bakhtin (2006) considera que o sujeito é constituído nas relações sociais. Assim, apoiados na área da linguística “análise do discurso”, nos é permitido estabelecer uma relação existente entre o sujeito, sua história e língua.

Analizando posicionamentos e os discursos para a formação docente

A partir da leitura da tese selecionada (código 10588), produzida em 2016, com uma proposta metodológica de analisar como se deu o percurso formativo de alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas para uma EA que promova a sustentabilidade. Procuramos aqui, não focando somente para os seus dados da pesquisa bruta, mas olhar para a própria materialidade da construção discursiva verbal e extraverbal da autora. Pois, não se faz nossa intenção analisar os dados que ela analisou para tirar uma conclusão sobre os licenciandos, mas sim, ver como ela (pesquisadora) constrói seus posicionamentos quando ela remete ao ambiente escolar e a formação de profissionais na EA para a sustentabilidade. Considera-se então o dado verbal projetado na constituição da pesquisa, mas também os sentidos, os quais partem de ideias do extraverbal, que revelam ordem discursiva do lugar oficial ocupado no discurso da formação docente (VOLOCHINOV, 2017).

Mediante a leitura da tese selecionada, destacaram-se para recorte dos dados alguns trechos que expressam posicionamentos da autora analisados frente às concepções teóricas discutidas anteriormente. As quais propõem um olhar acerca dos modelos atuais de sustentabilidade propostos pela maioria das políticas de globalização neoliberal e assim, repensar a sustentabilidade dentro da EA tendo em vista que esta se encontra a contundente prioritária educação tradicional, ou necessita de uma reconfiguração para promover uma educação para o desenvolvimento sustentável, a partir de uma visão categoricamente construída nos moldes de uma racionalidade já determinada (LEFF, 2010; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

No trecho abaixo a autora da tese apresenta uma parte da história de sua formação se apoiando em Tardif para compactuar de seu posicionamento:

*Em 1978, como formanda, o objetivo principal centrou-se na preparação para o estágio, visto que acreditava que devia fazer não só o melhor, mas concretizar os objetivos da docência, da convivência com os alunos, com a escola e promover a aprendizagem, **colocando em prática toda a teoria que até então havia estudado.** (Trabalho 10588, p.21).*

Para Tardif (2012, p. 228), "[...] o que se propõe é considerar os professores como sujeitos que possuem, utilizam e produzem saberes específicos ao seu ofício, ao seu trabalho

[...]”. ***Os professores na escola deveriam ser protagonistas, pois ocupam espaço fundamental como mediadores da cultura dos saberes.***” (TARDIF, 2012, p. 228). (Trabalho 10588, p.17).

Ao destacar que ao longo de seu processo formativo, a autora, acreditava que o principal objetivo de sua carreira docente era a de ver na prática a teoria estudada, que essa seria a forma de aprendizagem, fica evidente que o pensamento estruturado universitário reforça a hegemonia do ensino baseado no conteudismo. Apesar de sabermos que cada área profissional se detém de conhecimentos próprios, não deve se restringir a este somente. Principalmente em um espaço onde a diversidade cultural é muito acentuada. Assim, é preciso estabelecer um pensamento crítico para que se desestabilize esse posicionamento que, sendo político, considerar apenas uma forma de saber e valorizar distintas formas de manifestações culturais (CANDAUI, 2008).

Para tanto, é entendido aqui que tal neutralidade é inconcebível tendo em vista que a construção do sujeito em uma gama ideológico-cultural é por consequência dialógica, ou seja, as manifestações discursivas verbalizadas ou as constitutivas do discurso interior se dão pela alteridade, na relação com o outro (VOLOCHINOV, 2017). É nesse sentido que Bakhtin defende a palavra como signo ideológico por excelência, pois a compreensão da enunciação, condições onde os enunciados se fazem pela palavra, se produz sempre na relação onde está inserida (VOLOCHINOV, 2017). O papel da EA não fica restrito a garantir a eficiência do sistema de educação formal transmitindo conhecimento para capacitação necessária ao mercado de trabalho. Uma vez que, de acordo com Leff (2010), essa EA tem em si uma base vinda da ecologia e da complexidade do pensamento, não se tratando unicamente em se propor novas técnicas para a preservação ambiental, nem mesmo ao de não combater o aquecimento global criando estratégias para adaptação, e sim refundar-se para propor medidas que vão além de promover a segurança vinda da ciência e do mercado.

A racionalidade cientificista que ecoa como base da formação docente e cidadã por meio da disciplinarização do conhecimento se funda em um discurso pedagógico que por vezes, não é sensível aos diálogos e compreensão de outras racionalidades (BAPTISTA, 2014). Estas, assim como a epistemologia da ciência com seu jeito próprio de construir e validar conhecimentos que são segregados em disciplinas, têm uma estrutura e atribuições de significados e sentidos muito particulares por serem tecidas em um contexto ideológico e cultural assim como a ciência se dá. No entanto, a

supervalorização que se desdobra no parâmetro científico para reger todos os outros conhecimentos minimiza o olhar aguçado para compreender as controvérsias socioambientais para além de memorização de conceitos ou só apostando em práticas paliativas (BAPTISTA, 2014). Apesar de em alguns momentos aparecer estratégias de construção mútua na sala de aula com propostas interdisciplinares, ela ainda é esvaziada pela afirmação da estrutura positivista curricular que deixa apenas nos documentos oficiais e não se concebe de fato na prática.

Apesar de que, ao longo de seu trabalho, a autora aponta propostas de educação e ensino, de uma EA para a Sustentabilidade considerando aspectos sociais, estes ficam restritos ao superficial, não traz a sustentabilidade como uma forma crítica e que são caminhos outros, de acordo com os estudos de Leff para se promover processos de sustentabilidade de fato. Em outras palavras, é preciso uma imersão visceral para que os discursos, situações e ações sejam encaradas e refletidas criticamente, foram da premissa capital que rege as nossas relações sociais. Caso contrário, o termo sustentabilidade anunciado tem como espelho os sentidos pró-desenvolvimento. A interpelação do discurso hegemônico e o padrão epistemológico científico assumem nessa lógica como a orientação superior, mas, ao compreender as bases nas quais nossas relações e discursos se produzem, ou seja, os lugares de fala dos sujeitos (VOLOCHINOV, 2017) têm-se a possibilidade de provocar/causar rupturas dessa estrutura e subverter em busca de um diferente modelo socioambiental (LEFF, 2015).

Ainda que anteriormente resquícios hegemônicos sejam evidenciados pelo formato em que o discurso se baseia, nesse momento, é possível entender que a autora anuncia buscando avanços na relação ingênua da EA como desenvolvimento sustentável para uma EA que reelabora a sustentabilidade como princípio das relações. Por outro lado, não é possível identificar se o trecho indica a relação das mudanças atuais com olhar voltado para a “evolução” e “avanço” socioambiental pelos mesmos discursos que pautam o discurso pró-desenvolvimento. Sendo que base dos movimentos ambientalistas frente a sustentabilidade inclinam-se na busca das memórias bioculturais como orientação para esse ressignificar (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Essa superficialidade estrutural em que a autora aborda não evidencia a constituição visceral das relações sociais para promoção da EA, visto que as condições em que os discursos anteriores são emitidos levam a um campo extraverbal que reassume as relações mais próximas ao desenvolvimento sustentável. Fica ainda mais marcado no discurso e posicionamento quando a autora afirma:

Nesse sentido, o conceito de educar para a sustentabilidade tem um componente educativo formidável: a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação, pois esta possibilita ampliar conhecimentos, mudança de paradigma, resignificando valores, posturas, buscando aperfeiçoar habilidades, priorizando a integração e harmonia dos indivíduos com o meio ambiente (GADOTTI, 2012). (Trabalho 10588, p.97).

Essa argumentação, referindo à preservação do meio ambiente como dependente de uma consciência que só é permitida dentro de um processo educativo, exclui imediatamente aqueles grupos que não fazem parte ou não estão dentro do âmbito científico. Toledo; Barrera-Bassols (2015) argumentam que as modalidades do conhecimento humano pela perspectiva histórica são: ciência paleolítica, ciência neolítica e ciência moderna. Sendo que a denominada ciência paleolítica é aquela com mais de 200 mil anos, anterior a agricultura e pecuária; a ciência neolítica com 10 mil anos e a ciência moderna com 300 anos. Com esses fatos e pensando a relevância de cada um desses pensamentos no cenário atual, a ciência moderna sendo a mais recente e, conseqüentemente, praticada em menor tempo tem expansão significativa e frente às outras epistemologias (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Assim, não se pode falar em saberes e valores, se dentro do próprio discurso se carrega um pensamento que está atravessado pelo conhecimento que só é válido se construído no contexto formal de ensino enunciado pela ciência moderna. Esse pensamento anula sujeitos e uma parcela da sociedade, bem como suas práticas ancestrais de relação sujeito e ambiente. Essa predominância se reafirma no processo educativo conteudista como o que se deve ser aprendido e aperfeiçoado apenas pela óptica moderna. Não se trata de desconsiderar os conteúdos programáticos do currículo estruturado, mas se repensar o papel do professor e da universidade como únicos detentores do conhecimento e capaz de instigar um pensamento crítico a ponto de compreender como deve ser a relação com o ambiente.

O discurso que reitera um posicionamento estruturante hegemônico é constitutivo das nossas relações pelo contexto em que essas produções de sentidos e significados são construídas. Para uma aposta crítica da educação ambiental frente a relação da sustentabilidade e não do desenvolvimento sustentável, o qual ainda exime o sujeito, sua subjetividade e historicidade em prol de uma racionalidade econômica, deve-se buscar e investir nas frestas e desestabilizações desse pensamento hegemônico que se materializa

em discursos, em modelos de formar pessoas. Considerar a dialogicidade Bakhtiniana (VOLOCHINOV, 2017), isto é, a relação discursiva verbal do sujeito com o outro, em discursos interiores (mente) e os meios extraverbaís (contexto), como princípio para a sustentabilidade torna-se um olhar sensível para alteridade, de modo que não compartimentaliza e segrega as relações principalmente no que tange à questão ser humano e ambiente.

Considerações finais

Repensar a formação docente, dentro de pesquisas, para um discurso sensível às questões socioambientais é um desafio e ao mesmo tempo imprescindível, ou ficaremos presos nos discursos e construções hegemônicas que prezam pela construção de sociedade ainda dentro de um modelo positivista. Para tanto é importante ressignificar os discursos que constituem a formação de professores, sendo estes ocupantes de um lugar legitimado de fala, que garantem a base do discurso ambientalista voltados à memória biocultural. Perceber outras relações que podem apontar também conhecimentos e saberes. Tirando do professor o papel de protagonista, pensando na construção de conhecimento na coletividade. Além disso, para que se haja uma verdadeira promoção a sustentabilidade nos processos formativos, precisa-se considerar não somente a ciência moderna como única e estruturante dentro de um espaço educacional, mas pensar a noção de sustentabilidade dentro de outras culturas, considerando diferentes construções de conhecimentos.

Chama-nos a atenção para a controvérsia existente no posicionamento discursivo no decorrer da pesquisa analisada. Ao mesmo tempo em que aponta atentar para as relações sociais, restringe novamente ao professor e ao espaço formal o local de se conceber o conhecimento. Cumpre aqui destacar que são utilizados como sinônimos os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Uma vez que, os conceitos não foram explorados com mais profundidade ou podemos demarcar aqui certa “fragilidade” da pesquisa, metodologicamente dizendo. Essa frágil e arriscada utilização do conceito se apresenta também muito controversa, já que a pesquisadora utiliza de um autor que realiza a diferenciação e conceitualização distintas dos dois conceitos.

Por fim, a partir dos resultados obtidos, perceberam-se questões que possibilitam novas pesquisas na área, as quais poderiam investigar, por exemplo, o “estado da arte” relativo à formação docente na educação ambiental para a sustentabilidade pós governos pró ambientalistas. Percebendo como

tem se delineado as pesquisas para o campo. Uma vez que, apesar de ter sido, a pesquisa analisada, construída dentro de um espaço temporal que poderia beneficiar os aspectos em prol do meio ambiente, temos um percurso coberto por uma centralidade educacional nos espaços formais e a pequenos grupos sociais hegemônicos.

Referências

BAPTISTA, G. C. S. Do cientificismo ao diálogo intercultural na formação do professor e ensino de ciências In: *Interações*, nº 31, 2014, p. 28-53.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de Maria João Alvarez. Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Ed., 1994.

CANDAU, V. M. F. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**. v 13, n 37, jan./abr. 2008

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LEFF, E. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2015.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora As Pesquisas Denominadas Do Tipo “Estado da Arte” em Educação. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Editora Expressão Popular. 2015.

VOLOSHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 2017.